

Traction animale : une expérience pilote dans le Pará

G. B. M. Pimentel , R. de F. R.Palheta

L'utilisation de la traction animale, bien que n'étant pas une tradition dans la région amazonienne mais représentant une option valable d'accroissement de la productivité du travail agricole, a bénéficié de soutien de la part de certains organes officiels. Une expérience pionnière fut réalisée en collaboration entre le Centre de Recherche Agronomique du Tropic Humide (CPATU) et le Secrétariat d'Etat à l'Agriculture (SAGRI) qui mirent 27 buffles dressés à la disposition de petits producteurs de différentes communes du Pará. L'absence de tradition associée au faible niveau de capitalisation du producteur, à la difficulté d'acquisition du matériel ajouté à la non-définition du profil du producteur susceptible d'être inséré dans le projet, conduisirent l'entreprise à ne pas attendre les succès initialement prévus. Sur les 27 buffles, 9 n'étaient plus avec les propriétaires initiaux tandis que les autres, dans leur majorité, ne furent pas utilisés à leur plein potentiel. C'est seulement dans les communes de Bragança et Augusto Correa que fut constaté une pleine utilisation des animaux mis à disposition.

Animal draught : a pilot-experiment in Pará

G. B. M. Pimentel , R. de F. R.Palheta

Although animal draught is not traditional in the Amazon region, it has been supported by some official bodies, as a valuable alternative to increase agricultural productivity. A pioneer experiment was conducted jointly by the Centre for Agricultural Research in Rainy Tropical Regions and the State Department for Agriculture : they made available 27 trained buffalos for small farmers from various villages of Pará. The experiment did not meet with the initially expected success for various reasons : it is not part of their tradition, a fact linked to the low income of the farmers and the difficulties in acquiring equipment, and the profile of the farmers that might be included in the project had not been defined. Out of the 27 buffalos, 9 had changed hands, and the majority were not used to their full potential. Only in the townships of Bragança and Augusto Correa were the animals available actually used to the full.

Tracción animal : una experiencia piloto en el Pará

G. B. M. Pimentel , R. de F. R. Palheta

La utilización de la tracción animal, sin ser una tradición en la región amazonia, representa sin embargo una opción valable de incremento de la productividad del trabajo agrícola y benefició del apoyo de algunos órganos oficiales. Una experiencia modelo fue realizada en colaboración con el centro de Investigación Agronómica del Trópico Húmedo (CPATU) y el Secretariado de Estado a la Agricultura (SAGRI) que pusieron 27 búfalos domados a disposición de pequeños productores de diferentes municipios del Pará. La ausencia de tradición, asociada al poco nivel de capitalización del productor, y a la dificultad de adquisición del material y también a la no-definición del perfil del productor susceptible de ser incluido en el proyecto, llevó la empresa a no contar con los éxitos inicialmente esperados. Entre los 27 búfalos, 9 ya no tenían los propietarios iniciales y en cuanto a los otros, por la mayor parte de ellos, no fueron utilizados con su mayor potencial sólo en los municipios de Bragança y Augusto Correa se pudo notar una total utilización de los animales puestos a disposición.



TRAÇÃO ANIMAL : UMA EXPERIÊNCIA PILOTO NO PARÁ

G. B. M. Pimentel ¹, R. de F. R.Palheta ²

RESUMO

O uso da tração animal, por não ser uma tradição na região amazônica e por representar uma opção recomendável de aumento da produtividade do trabalho agrícola, tem merecido incentivo por parte de alguns órgãos oficiais. Uma experiência pioneira foi realizada entre o então Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido-CPATU e a Secretaria de Esta do de Agricultura - SAGRI, que repassaram 27 búfalos adestra dos para pequenos produtores, de diferentes municípios paraenses. A falta de tradição, aliada a descapitalização do produtor, à dificuldade na aquisição de implementos, além da indefinição do perfil do produtor a ser inserido no projeto, levaram o empreendimento a não alcançar o êxito inicialmente previsto. Dos 27 búfalos, nove não estão mais com os proprietários iniciais, enquanto que o restante, em sua maioria, não vem sendo utilizado em todo o seu potencial. Apenas nos municípios de Bragança e Augusto Correa, os animais repassados encontram-se em plena atividade.

1) Eng. Agríc. EMBRAPA-CPATU.

2) Jorn. EMBRAPA-CPATU.

I - INTRODUÇÃO

A expansão e o desenvolvimento da agricultura brasileira surgiram à medida que o produtor rural foi substituindo a força de trabalho manual pela animal e, conseqüentemente, pelas grandes máquinas. Dessa forma, esses estádios demonstraram ao longo da história, a habilidade do rurícola na busca de meios capazes de melhorar sua condição de vida.

O uso da tração animal, independente de ser uma prática comum em algumas regiões do País, no Norte ainda é pouco utilizada, mesmo sendo considerada «uma solução técnica e econômica, quando comparada com a tração mecanizada e recomendável para aumentar a produtividade do trabalho do agricultor» (Barroso *et al.*, 1983).

O que se constata nesta região é a utilização dos dois sistemas considerados extremos : a força manual e o uso do trator, sem que o estádio da tração animal faça parte do contexto do homem amazônico. A evolução da mecanização agrícola na região deve ser feita de modo condizente com a realidade de seu produtor que, descapitalizado e sem conhecimentos suficientes para adquirir e manter máquinas de grande porte, limita-se ao uso da enxada para produção de culturas de subsistência e pequena comercialização do excedente. Inúmeros fatores podem contribuir para que não haja a disseminação dessa prática, variando desde a falta de tradição até o alto custo dos implementos, que se comparados com outras regiões, apresentam-se inacessíveis, provavelmente em função da pequena demanda existente.

Algumas tentativas de estímulo ao uso da tração animal pelos pequenos produtores têm sido feitas, principalmente pelos órgãos públicos, dentre os quais merece destaque e o qual se pretende abordar neste trabalho, está o desenvolvido pelo então Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU e a Secretaria de Estado de Agricultura - SAGRI.

A experiência que atualmente encontra-se em fase de renegociação, neste caso com a Companhia de Mecanização, Industrialização e Comercialização Agropecuária - COPAGRO, durou quatro anos e deteve-se na tração animal com bubalinos. Independente dos resultados alcançados não terem sido os esperados, já que ficaram abaixo das expectativas iniciais, é possível afirmar, após o projeto, que há um espaço a ser preenchido pela tração animal, porém, necessário se faz o envolvimento de vários outros segmentos da sociedade desde as entidades representativas dos produtores até outras insituições públicas - a fim de que o objetivo final, de permitir um aumento de produtividade com o mínimo de investimento, de fato se concretize e perdure no meio rural.

II - ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O convênio de cooperação técnica firmado entre o CPATU e a SAGRI, em 1986, previa o treinamento de pessoal da própria Secretaria para adestramento de animais bubalinos destinados à tração, a partir de tecnologias geradas por aquele Centro de Pesquisa. Dentre essas tecnologias, pode-se citar técnicas de manejo dos animais de tração, eficiência dos diferentes implementos agrícolas, bem como a técnica considerada a mais relevante, ou seja, a que introduz mudanças significativas nos tradicionais arreios. Martinez *et al.* (1985), ao se referirem à canga de madeira tradicionalmente utilizada, afirmam que esta traz inúmeros inconvenientes ao animal e ao seu rendimento, já que a posição e o peso da canga sobre a cernelha do búfalo reduz a capacidade de tração, em função da pequena área de contato, o que provoca a concentração de todo o esforço produzido pelo trabalho de tração nessa área, ocasionando calosidade e desconforto ao animal, além de reduzir seu desempenho. Há ainda a pressão da corda que passa sob o pescoço do animal com a canga que, em trabalho, limita sua respiração, produzindo fadiga em curto espaço de tempo.

A principal tecnologia desenvolvida pelo CPATU e que foi repassada a técnicos e produtores, constou da modificação dos arreios (cinta e colar), tornando-os mais leves, confeccionados em couro e que permitem a distribuição, ao redor do pescoço, do esforço produzido pelo equipamento quando traicionado. Experimentos demonstraram que com arreios de couro, no trabalho de preparo de áreas para plantio, o rendimento foi 25% superior se comparado com o uso da canga de madeira.

O trabalho integrado do CPATU e SAGRI previa ainda a venda de 16 animais por semestre aos pequenos agricultores que passariam assim, a ter em suas propriedades animais adestrados e com acompanhamento técnico. A expectativa inicial era que, ao constatar, na prática, a viabilidade do uso da tração, como fator integrante do processo agrícola, os agricultores selecionados funcionassem como multiplicadores dessa técnica que, a médio-longo prazo seria incorporada ao cotidiano dos pequenos produtores, em sua maioria, usuários da força manual ou, eventualmente, da motomecanização.

Após o adestramento necessário e a seleção dos produtores, foram repassados 27 búfalos em perfeitas condições físicas e sanitárias. Treinamentos para os que manejariam os animais foram realizados em Belém e nos municípios de Paragominas, Igarapé Açu e Bragança. Os municípios beneficiados com a experiência piloto foram : Barcarena, Curuçá, Santo Antonio do Tauá, Vigia, Paragominas, Benevides, Tucuruí, Bragança, Abaetetuba, Santa Maria do Pará e Augusto Correa. Atualmente o convênio entre o CPATU e a SAGRI encontra-se suspenso há cerca de dois anos, mas em vias de ser reativado, sendo que desta vez com a COPAGRO.

III - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pioneira de introduzir no Estado de forma enfática o uso da tração animal entre os pequenos produtores, demonstrou, através do acompanhamento por mais de quatro anos dos animais e dos agricultores envolvidos, que vários fatores interferem na fixação dessa prática. Dos 27 búfalos adestrados e repassados, nove não se encontram em poder dos seus proprietários iniciais ; destes, quatro foram vendidos e cinco morreram ou foram abatidos.

Os demais, ainda sob a custódia dos que foram selecionados pelos órgãos envolvidos, na maioria não vêm sendo utilizados em todo o seu potencial. A falta de tradição na região, aliada às precárias condições econômico-financeiras do pequeno produtor, que impedem-no de oferecer as mínimas condições de alimentação e sanidade ao animal, levam a desperdiçar essa força de trabalho, sobretudo fora dos período de safra e colheita.

Embora os técnicos responsáveis pelos treinamentos tenham enfatizado que um animal adestrado está preparado para a execução de uma série de outras atividades, além do preparo de área, principalmente nas comunidades mais distantes dos centros urbanos, carentes de transportes convencionais, tais como arraste de toras, transporte de água e materiais em geral, escoamento de produção etc, a «criatividade» dessa exploração não se registra na maioria dos casos, o que torna o animal ocioso durante a maior parte do ano, encarecendo a sua manutenção e nem sempre justificando a sua permanência na propriedade. Longos períodos de ociosidade fazem com que o animal adquira peso excessivo, perdendo resistência ao trabalho, além de torná-lo arreado.

Outro fator que vem sendo constatado e que obstrue a fixação do uso da tração animal, é a comparação imediata que se tende a fazer entre essa prática e a mecanização através de trator, facilitada ao agricultor, sobretudo em épocas que antecedem as eleições a cargos políticos. A superioridade do trator contrapõem-se à tração animal, mesmo que o uso do primeiro seja, nestes casos, efêmero e dependa de terceiros. Os ensinamentos a cerca da tração animal são substituídos pela expectativa da aquisição de grandes máquinas, o que normalmente não acontece, havendo, conseqüentemente, um retrocesso no trabalho agrícola.

A falta de informação sobre a importância do uso da tração animal, como auxílio nas tarefas agrícolas, se alia à desinformação no uso do animal adestrado, algumas vezes superexplorado nos preparos de áreas que, necessariamente, têm que ser destacadas, já que a presença de tocos exige esforço excessivo do animal, que nem sempre suporta tarefas do gênero. Embora errônea, essa prática é comum na região, uma vez que a maioria dos produtores faz uso da tração por ocasião da «volta» à área, a essa altura já transformada em capoeiras.

Se pôde verificar, ao longo desses anos de acompanhamento dos animais, que em municípios onde já existe o mínimo de tradição no uso da tração animal, os resultados são positivos, como os registrados em Bragança e Augusto Correa, onde sete búfalos desempenham atividades agrícolas, tracionam carroças e recebem tratamentos adequados na alimentação e sanidade.

As longas distâncias que separam as pequenas comunidades que carecem desse tipo de trabalho agrícola, também acrescentam à longa lista de obstáculos à incorporação do uso da tração animal, a dificuldade na aquisição de implementos necessários à tração. A praça de Belém e a das sedes dos maiores municípios do Estado, quando possuem esses equipamentos, os oferecem por preços quase sempre inacessíveis ao pequeno produtor e demasiadamente majorados se comparados com os das fábricas sediadas em São Paulo, principalmente. Essa situação deve-se, provavelmente, à pequena demanda dos implementos no mercado local e o conseqüente desinteresse do comércio em tê-los em estoque.

A aquisição, a preços mais compensadores, pode ser feita diretamente com as fábricas localizadas em outros Estados que, mesmo com a inclusão do frete, oferece os implementos a preços menores. Mas a localização dessas comunidades, em sua maioria carentes de estradas em condições de tráfego pesado, une-se à desinformação do produtor no uso de mecanismos de compra à distância, tais como ordem de pagamento, vale postal etc.

O grande interesse de instituições ligadas ao setor agrícola pela manutenção do projeto, bem como de produtores (o CPATU possui atualmente 56 agricultores cadastrados à espera de um animal), não tem sido suficiente para que o impasse criado com as mudanças no quadro político-agrícola seja definitivamente resolvido.

IV - CONCLUSÃO

O trabalho que durante quatro anos o então Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU e a Secretaria de Estado de Agricultura - SAGRI desenvolveram visando a implantar e/ou estimular o uso da tração animal entre os pequenos produtores paraenses, permite concluir que :

- A tração animal é uma fase intermediária entre a força manual e o uso do trator, que deve ser estimulada como opção viável de aumento da produtividade para o pequeno produtor;

- A falta de tradição no uso da tração animal no Estado limita essa prática, exigindo, dos órgãos envolvidos, adestramento do animal e treinamentos dos que o manejarão e também daqueles que trabalham com extensão rural;

- A inclusão de outros segmentos públicos e privados (principalmente entidades representativas de produtores) no projeto, poderá suprir alguns dos principais obstáculos vivenciados na primeira fase dessa experiência;

- O pequeno produtor selecionado e objeto deste estudo, por ser, em sua maioria, descapitalizado não tem condições de manter a alimentação e sanidade do animal, levando-o algumas vezes a se desfazer do mesmo ou mantê-lo na propriedade até a morte;

- Em função da heterogeneidade das condições da região amazônica, bem como considerando os problemas enfrentados nesta primeira experiência, sugere-se uma definição do perfil desse pequeno produtor, a quem recomenda-se a referida técnica, tais como: pequeno capital para aquisição e manutenção do animal adestrado e equipamentos; que seja acessível à introdução de novas tecnologias em sua propriedade e que a área produtiva tenha no mínimo 5 ha de culturas anuais ou no caso de ser menor, com culturas de maior valor econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, E. *et al.* 1983. Equipamentos agrícolas apropriados ao pequeno produtor rural. Brasília, CNPq/Coordenação Editorial, 62p.

MARTINEZ, G.B. *et al.* 1985. Tração animal com bubalinos. Belém, EMBRAPA-CPATU, 20p.